



EDITORIAL

**CENAS MULTIESPÉCIES:
implicações artísticas entre plantas, animais não humanos e humanos**

MULTISPECIES SCENES:
artistic implications between plants, non-human animals and humans

Bárbara Carbogim

 <https://orcid.org/0009-0005-3907-1927>

Éden Peretta

 <https://orcid.org/0000-0002-0763-8045>

**CENAS MULTIESPÉCIES:
implicações artísticas entre plantas, animais não humanos e humanos**

Resumo

No presente editorial trazemos as inquietações práticas e conceituais que nos inspiraram a propor a temática do presente dossiê, bem como apresentamos individualmente cada ensaio ou artigo que dá corpo ao presente volume, ajudando-nos a refletir sobre a urgente temática ecológica e o necessário repensamento, também poético, sobre as relações multiespécies.

Palavras-chave: cenas multiespécies; crise ecológica; virada epistemológica; teatro; dança; performance.

**MULTISPECIES SCENES:
artistic implications between plants, non-human animals and humans**

Abstract

In this editorial we bring the practical and conceptual concerns that inspired us to propose the theme of this dossier, as well as individually presenting each essay or article that gives shape to this volume, helping us to reflect on the urgent ecological theme and the necessary rethinking, also poetic, about multispecies relationships.

Keywords: multispecies scenes; ecological crisis; epistemological turn; theater; dance; performance.



No momento em que escrevemos esse texto, vivenciamos ao mesmo tempo a forte seca no norte do país e o recorde de enchentes no sul, após a maior onda de calor já registrada no território brasileiro. Já não é segredo para ninguém no mundo o assombro da crise climática e tudo o que ela escancara. Estamos vivendo, há décadas, a resposta contundente do planeta ao paradigma devorador que sustenta a cultura ocidental em relação aos viventes. A consciência do iminente fim da espécie humana já nos acompanha há décadas, assim como as insistentes denúncias sobre o modo predatório que caracteriza o sistema sócio-político-econômico predominante, o qual consome de forma voraz as energias vitais dos seres humanos e não humanos, deixando atrás de si todo o seu rastro de violência: o extermínio das populações originárias e ribeirinhas, das comunidades quilombolas e daquelas vulnerabilizadas pelo racismo ambiental, assim como, a curto prazo, todos os seres vivos.

Em contrapartida, a elite climática¹, os principais responsáveis pela devastação, permanecem inocentados. O estranho é que, mesmo críticos e conscientes dessa realidade, não conseguimos transformar profunda e significativamente as relações interespécies. A ascensão de ações propositivas, como as tentativas de nomeação dessa Era² e o reconhecimento da copertinência – prática e conceitual – entre a questão ecológica e os âmbitos político, econômico e social (no cruzamento com processos colonizadores, racistas, capitalistas e conservadores), parecem nos apontar outras perspectivas. Mas mesmo assim, as aparentes soluções apresentadas até aqui parecem ser, em suas materialidades, diferentes formas de se “ficar com o problema” (Haraway, 2016).

Independente de como a nomeamos, é notório que a era geológica protagonizada pela interferência do ser humano nos processos de desenvolvimento da vida no planeta – especialmente a partir da revolução industrial europeia –, parece ser um divisor de águas na continuidade ou não da vida da maioria das espécies sobre a Terra. O paradigma humanista, no qual a vida humana é alçada ao centro do universo, tendo a sua salvaguarda contínua e a sua melhoria exponencial como horizontes absolutos, ganha dimensões trágicas quando somado ao hiperdesenvolvimentismo colocado em movimento pelas

¹ “O 1% mais rico do mundo (pessoas que ganham mais de 140 mil dólares ou 419 mil reais ao ano) emite mais poluição por carbono do que os 5 bilhões que constituem os 66% mais pobres; Um ano de emissões do 1% mais rico provavelmente causará 1,3 milhão de mortes a mais por calor nas próximas décadas (WATTS, 2023, s/n)” Para mais informações ver: <https://sumauma.com/a-elite-climatica-precisa-ser-cobrada-pelos-seus-crimes-e-pagar-por-seus-danos/>

² Antropoceno (Paul Crutzen e Eugene Stoermer), Capitaloceno (Andreas Malm e Jason Moore), Plantationoceno (Anna Tsing), Chthuluceno (Donna Haraway) ou Negroceno (Malcom Ferdinand). Para mais informações sobre as diferentes nomeações, ver: *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes* de Donna Haraway. Disponível em: https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/#_edn7.



sociedades ocidentalizadas, principalmente quando essas são fundamentadas no paradigma “colonial-capitalístico” (Rolnik, 2019).

Talvez problematizarmos essa hegemonia “naturalizada” do ser humano como referente primordial para a vida seja um importante passo político para desestabilizarmos os paradigmas fundantes de nossa sociedade contemporânea em busca por modos de vida “inteiramente outros” (Matos, 1989), os quais tornariam possível um repensamento das formas de convivência coletiva entre os seres que compartilham o nosso planeta. É nesse contexto que nos propomos assim a fomentar uma reflexão mais ampla sobre possíveis relações multiespécies que transcendam uma postura de alteridade baseada em princípios exclusivamente utilitaristas, buscando assim um deslocamento potencialmente desestabilizante deste paradigma predatório que fundamenta a nossa sociedade contemporânea.

Neste contexto é que nos perguntamos sobre as contribuições que as artes podem trazer para essa discussão. Ou melhor, gostaríamos de nos perguntar aqui até que ponto as artes nos oferecem cenários possíveis que contribuam para um tensionamento do paradigma antropocêntrico em direção a um real ponto de virada epistemológico. Como podemos incluir radicalmente, nos processos criativos da cena contemporânea, a vida não-humana para além de uma perspectiva instrumental e utilitarista? Como podemos nos implicar epistemológica e poeticamente com as múltiplas espécies que compõem a nossa existência? Como as artes da cena podem colaborar com a reinvenção das possibilidades de vida entre as múltiplas espécies?

Nossa aposta aqui é de que na arte e na poesia, encontramos possibilidades sensíveis de relação entre as espécies que nos ajudam a redesenhar nossa postura diante das *outridades* radicais. E talvez essa seja a maior contribuição que o campo das artes pode oferecer para a discussão mais ampla e urgente da continuidade da vida – como a conhecemos – sobre a face da Terra. E é com esse pretensioso horizonte que a **revista Ephemera**, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, hospeda aqui o nosso dossiê “**Cenas Multiespécies**”.

Como é o mundo vegetal? Como ele cria? Como se relaciona com os mais variados seres e consegue sobreviver às catástrofes? E como, ainda assim, ele persiste em um movimento intensivo pela vida? Qual é a potência poética que as plantas trazem para os processos criativos nas artes da cena? E como os seus saberes e capacidades de produzir mundos potencializam a criação artística ao propiciar a relação entre os mais variados seres, humanos ou não?



O mesmo percurso de indagações poderia ser desenvolvido para a dimensão animal da vida. Quais as potencialidades que os animais trazem para a reelaboração dos métodos e procedimentos de criação, bem como das dramaturgias da cena, na multiplicidade de elementos que a constituem? Quais os aprendizados nos trazem os animais não humanos? Como eles performam e constroem suas poéticas? E, nós, animais humanos, ocidentalizados e modernos, como nos implicamos e nos dispomos, inventivamente, com eles?

A arte, as plantas e os bichos, sem dúvida alguma, nos ensinam, pois produzem de fato pensamento. Talvez nos caberia aqui, aos corpos humanos ocidentalizados, nos despirmos da prepotência e nos colocarmos no lugar de aprendizes, inclinando-nos para a criação de “alianças interespecies decoloniais”, em consonância com a perspectiva proposta pelo pensador martinicano Malcom Ferdinand:

Por “alianças interespecies decoloniais”, designo a situação em que humanos e não humanos, a despeito de suas diferenças, formam alianças politicamente fortes, que, por uma *simpraxis*, um agir com, podem se opor ao Plantationoceno e às suas escravidões (Ferdinand, 2022, p. 250).

O “**Cenas multiespécies**” se insere, portanto, em um debate mais amplo, propondo a continuidade da reflexão e da documentação sobre a entrada das artes cênicas e performativas no urgente debate ecológico. O pensamento pela/da arte abre assim possibilidades para criação de formas de relacionamento com seres não humanos que não estejam pautadas na visão antropocêntrica e nem nos modos de pensar e agir engendrados pela colonialidade. Os artigos aqui presentes são, portanto, um provocativo convite coletivo para reinaugurarmos nossas relações com os viventes não humanos e investigarmos as possibilidades de criação junto a eles, percebendo sensivelmente os seus modos de ser e fazer como criações de mundo.

Nesta direção, a contribuição das/os autoras/es deste dossiê registram de forma transversal, no campo da arte, a problematização das intersecções entre os marcadores sociais de gênero e de raça dentro do debate sobre a crise climática, fundamentados em seus processos de composição com as plantas e animais. Sendo assim, evidenciam como a deslegitimação da lógica da branquitude se torna essencial para, pela arte, evocar a potência de vida de um mundo em colapso e em reconstrução.

Abrindo nosso dossiê, encontramos o trabalho da pesquisadora Laura Cull Ó Maoilearca (Amsterdam University of the Arts) que nos presenteou com a transcrição reelaborada de sua conferência *Unlearning anthropocentrism: the politics of knowledge in interspecies*



performance, proferida originalmente no evento online *Speaker Series: Politics and Performance*. Neste artigo nos apresenta a política performativa do conhecimento operante em relação aos conceitos de *performance* e animalidade, bem como a emergência da *performance* interespécies como uma prática ético-política. Logo em seguida, com a inestimável colaboração da professora Luciana Dias (UnB), trazemos a exclusiva tradução para a língua portuguesa do mesmo artigo, tornando possível o acesso ao seu pensamento a um número maior de leitores/as brasileiros/as.

Em seguida encontramos o artigo *Encantados da floresta e da cidade*, no qual o autor Carlos Alberto Ferreira da Silva (UFAC) relata os percursos pedagógicos e investigativos desenvolvidos em uma disciplina da graduação, na cidade de Rio Branco/AC, refletindo sobre os encontros poéticos surgidos no processo de criação entre humanos e os seres encantados boto-cor-de-rosa, jacaré, cadela, borboleta, pássaro japiim e boi.

Já em *Saravá donos da terra*, a autora Carina Maria Guimarães Moreira (UFSJ) analisa um experimento teatral com matrizes poéticas da religiosidade afrobrasileira e que, em sua dramaturgia, apresenta as tensões presentes na luta pela terra no território brasileiro e a resistência simbolizada pela figura do Caboclo.

Em *Um pequeno herbário de imagens-folhas*, os autores Anderson Feliciano da Silva (UFOP) e Clóvis Domingos dos Santos, em um registro dialógico, ressaltam o poder das folhas e dos saberes afrobrasileiros nas memórias e na poética do artista, tendo como campo de reflexão as performances *Bambo*, *Gênesis I* e *Jardim Provisório*.

Já no artigo *Curadoria ecotrava*, as pesquisadoras Dodi Leal (UFSB) e Isadora Ravena (UDESC) atualizam o debate ecológico e artístico com a intersecção das travestilidades, ao realizarem escolhas em suas curadorias de eventos que rompem com a cisnormatividade, nos descrevendo assim os processos de constituição dos eventos e das obras *Trava da Peste*, *Vatinício*, *Pé bandido*, *Espiral da morte*, *ELA* e o *NIDO - Encuentro Internacional de Artes Vivas*. Em seu texto *Viadoplantas*, por sua vez, o autor Saile Moura Farias (UDESC) nos apresenta intersecções possíveis entre a ética dos corpos sexo-gênero dissidentes e a vida vegetal, sugerindo assim propostas de ação para a construção de uma ecologia decolonial.

Em *Therodramaturgia*, a autora Flaviana Benjamin (USP/UNICAMP) aborda a “a dramaturgia dos viventes”, uma possibilidade dramatúrgica para o teatro, dança e demais linguagens, a partir da obra de Vinciane Despret. Já em *Imagem e Animalidade*, Thálita Motta Melo (UFMG) desenvolve – no campo das mulheridades – a noção de animalidade ligada à subalternização, por meio da obra literária de Nastassja Martin e da obra performática de Ludmilla Ramalho.



No artigo *O encontro com a barata*, Marcilene Lopes de Moura (Cesgranrio) analisa a relação entre a personagem G.H e uma barata na montagem do espetáculo *A paixão segundo G.H.*, baseado na consagrada obra de Clarice Lispector. Em *Aos animais que dançam*, por sua vez, os autores Thiago Abel (PUC/SP) e Caio Picarelli (UNIRIO) perspectivam a poética da dança butô pelo viés não antropocêntrico e traçam outras possibilidades para esse fazer artístico junto ao ato de se alimentar.

Em seguida, temos os pesquisadores Luciano Mendes Júnior (UnB) e Paulo Petronilio (UnB), com o artigo *A confluência com os bichos em Heliônia Ceres*, analisando a presença animal na obra da escritora alagoana Heliônia Ceres e problematizando a zoologia fantástica presente em sua ficção e as demarcações entre humano e animal.

Concluindo nosso **Dossiê Temático**, o ensaio *O jardim especulativo*, de Erin Manning (Concordia University) com tradução de Bianca Scliar (UDESC), aponta para diferentes possibilidades de pensarmos a Terra ao descrever e especular sobre as experimentações realizadas no *3 Ecologies Institute* e os aprendizados ali evocados, tendo como pano de fundo a crítica ao paradigma da branquitude.

Na sequência de nosso volume, ainda em consonância com a temática de nosso Dossiê, encontramos mais dois trabalhos: na sessão **Memoriais e Relatos de Experiência** temos o ensaio da pesquisadora Ciane Fernandes (UFBA), *Relatos com cardumes*, no qual nos apresenta três relatos de experiências de Somática e dança com peixes, conectando-os com experiências artísticas posteriores realizadas juntamente com seu grupo de pesquisa; e o artigo dos pesquisadores Guilherme Mayer (UnB) e César Lignelli (UnB) na sessão **Fluxo Contínuo**, intitulado *Colecionadores e diplomatas*, no qual analisam a criação de sonoridades nos referidos espetáculos, tensionando a noção de não-humanos em direção aos objetos agenciados nos processos de construção sonora e dramaturgica.

Na continuidade de nossa sessão de **Fluxo Contínuo** encontramos os instigantes artigos e ensaios de Andrea Pagnes (VestAndPage), *Anam Cara: corpos-em-ausência*; Luciana Barone (UNESPAR), *Arte e espiritualidade: influências antroposóficas sobre a técnica de Michael Chekhov*; Cátia Davoglio Ribas (UFRGS) e Flávia Valle (UFRGS): *Dança do ventre: submissão ou liberdade?*; Raylson Silva (UNIRIO), Tania Ribeiro (UFMA): *O Bumba meu boi do Maranhão: da tradição aos palcos contemporâneos de São Luís*. E nosso volume se encerra então com a entrevista-diálogo *Em tempo de pragas*, entre Andrea Pagnes (VestAndPage) e Guillermo Gómez-Peña (La Pocha Nostra).

Desejamos a vocês uma ótima leitura.



Referências

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, v. 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a escola de frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROLNIK, Suely. *Esféras da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019.



Autores

Bárbara Carbogim

Professora de Teatro. Doutoranda na área de Pedagogia das Artes Cênicas dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC. Atuou como professora substituta do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2018-2020). Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2016). Bacharela em Artes Cênicas - Interpretação (2012) e Licenciada em Artes Cênicas (2010), ambas pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Integra o coletivo de pesquisa Anticorpos - investigações em dança (MG). Desde sua formação como docente trabalhou como professora da educação básica no estado de Minas Gerais. Atua, principalmente, nos seguintes temas: estudos do corpo e composições artísticas multiespécies, presença, pedagogia do teatro, teatro e performance.

E-mail barbaracarbogim@gmail.com

Éden Peretta

Artista da dança e Professor Associado junto ao Departamento (DEART) e ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Estudos Teatrais e Cinematográficos pelo Departamento de Música e Espetáculo da Università di Bologna (2010), na Itália. Pesquisador visitante junto à mesma universidade (2018) e pós-doutor pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (2019). É coordenador do coletivo Anticorpos - Investigações em Dança, criando obras artísticas na interface entre corpo, dança, performatividade e linguagem audiovisual. Membro do projeto Arquivo Memória Intercultural das Artes da Cena no Brasil (FAPEMIG/UFOP) e Editor-chefe da revista Ephemera (PPGAC/UFOP). Pesquisa o corpo nas Artes Cênicas e Visuais, principalmente em suas interfaces com a Filosofia.

E-mail edensp@ufop.edu.br

Direitos autorais

Bárbara Carbogim e Éden Peretta

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

